

27/3/97 (cad. 2)
172 D-8

ÍNDIOS

Fotos de Ricardo Oliveira/AE



Para evitar polêmica no Museu Amazônico: os encaixes dos órgãos genitais das esculturas feitas pelos índios chegaram a ser retirados, mas museóloga decidiu recolocá-los

Arte ticuna provoca protestos em Manaus

Exposição de esculturas com órgãos genitais, representando fertilidade e produção, causa revolta de adultos, que não querem mostrá-las a crianças e pedem que direção de museu as retire

KÁTIA BRASIL
Especial para o Estado

MANAU — Com peças de madeira feitas pelos índios que habitam o extremo norte do Amazonas, a exposição Singularidade das Artes nas Esculturas Ticunas está provocando polêmica entre os pais de crianças que visitam o Museu Amazônico, em Manaus. As peças — figuras antropomorfas representando seres da mitologia indígena — são feitas de muiratinga, medem até 70 centímetros, mostram o órgão genital masculino em vários tamanhos e formas e algumas representam o ato sexual entre os índios.

A direção do museu já recebeu até pedidos da retirada da exposição. Para os ticunas, as esculturas representam fertilidade e produção. Segundo a museóloga Jane Cony, responsável pela montagem da exposição, funcionários do

museu já presenciaram várias cenas de contestação dos pais. "Uma delas foi a de um pai que, ao deparar-se com as peças, saiu levando a filha de 7 anos pelo braço, para que ela não visse as esculturas", conta Jane. "Algumas mães reclamaram à direção do museu dizendo que esse tipo de exposição não estava no lugar certo e pediram a retirada das peças."

Uma funcionária pública de 38 anos, que não quer ser identificada, disse que as filhas de 7 e 10 anos sempre visitam o museu, mas que não levaria crianças para ver a exposição dos índios ticunas. "Quando vi pela primeira vez fiquei chocada", contou. "A religião do meu marido, que é judeu, não permite essas coisas."

As esculturas já provocaram tanta polêmica que a direção do Museu Amazônico chegou a fazer uma reunião com os funcionários para decidir se retirava ou não as peças. Por alguns dias as escultu-

OBRAS FORAM ADQUIRIDAS EM ALDEIAS ÀS MARGENS DO RIO SOLIMÕES



Ato sexual: para uma menina de 10 anos, eles estão dançando

ras com órgãos genitais de até cinco centímetros, feitos em forma de encaixe, foram modificadas. "Mas decidimos que não é possível limitar a arte dos índios por causa de preconceitos que não dizem mais respeito à nossa época", diz Jane Cony. "Todos os encaixes retirados foram recolocados e as esculturas ficarão no museu até o final de abril, quando acaba a exposição."

Em quatro anos de trabalho no museu, Jane nunca observou uma reação como essa. "Acho que é o adulto que leva a imagem vista para um outro sentido, que não é o mesmo da criança", comenta a museóloga. Sua filha de 10 anos já viu as esculturas. "A que chamou sua atenção foi a do ato sexual", conta. "Ela disse que os índios estavam dançando, eu não expliquei nada e deixei ela viajar nessa imagem."

O acervo de 180 peças da exposição foi recolhido nas aldeias situadas às margens do Rio Solimões, nos municípios de Benjamin Constant, Tabatinga, São Paulo de Olivença, Amaturá e Santo Antônio do Itá, distantes de Manaus pelo menos mil quilômetros. Durante cinco anos o artista plástico amazonense Jair Jacmont comprou essas peças dos próprios índios e, recentemente, as vendeu ao museu.

Entre as peças há esculturas de formas humanas e máscaras zoomórficas, feitas de madeira muiratinga, muirapiranga, balseira e turu-

ri. Jacmont lembra que as esculturas criticadas retratam os elementos do cotidiano indígena e têm o poder de influenciar outros artistas. Para ele, as obras dos índios são completamente estéticas. "Não há nada de pornográfico e não há motivos para alarmismo das mães", rebate Jacmont. "É puritanismo fácil e ridículo numa época em que nas escolas há educação sexual para as crianças."

Identidade — O antropólogo Fábio Vaz Ribeiro de Almeida, da Universidade do Amazonas, que fez mestrado em etnodesenvolvimento dos índios ticunas, salienta que as coisas ligadas ao sexo são naturais entre os índios. "Eles falam do sexo com muita naturalidade e não existe tabu como na nossa cultura, na qual o sexo é uma coisa proibida de falar-se e de ver."

Walmir Torres, administrador da Funai do município de Tabatinga, diz que os índios já fazem as esculturas com órgão genital masculino há séculos e elas fazem parte dos rituais de festas. "Já presenciei muitas nos 18 anos de trabalho realizados com os índios", lembra. "Não há nada de maldade, é uma arte secular", diz o indigenista, contestando a polêmica no Museu Amazônico. "Por que os pais não contestam as novelas na televisão e a dança da boquinha da garrafa?", diz Torres. "A cultura deve ser preservada, para que os índios nunca percam sua identidade."

Peças são inspiradas em um deus

Velhos índios contam que ele aparecia em rituais da mesma forma como é representado

MANAU — Foram os deuses mitológicos que inspiraram os ticunas, também conhecidos por magütas, a esculpir o órgão genital masculino em suas esculturas de madeira. A explicação é de um dos líderes ticunas, Constantino Süpeatücu, responsável pelo Museu Magüta em Benjamin Constant.

"Os velhos índios contam que o deus Io'i, também chamado de Pai dos Ventos, aparecia nos rituais mascarado e com um pênis bem grande", conta o índio. "Ele fazia barulho com apito, dançava e brincava a noite inteira, até desaparecer nas montanhas."

Segundo Süpeatücu, hoje essa figura sobrenatural não aparece mais. Mas nos rituais como a Festa da Moça Nova, realizada a cada primeira menstruação das meni-

nas, um índio veste-se como o deus Io'i. A máscara pode ser de um boi ou de macaco, feita de entrecasca de tururi e o pênis, de galho de muiratinga. A roupa, feita também de tururi, é adornada com breu e penas de pássaros.

Durante a festa, que dura três dias, a moça nova fica num cercado de palha, protegida pela família, segundo descreve o líder ticuna. A figura do deus tenta entrar no cercado para pegar a moça, mas a família não deixa. Antes de a festa acabar, o ser sobrenatural desaparece e a moça tem todos os fios de cabelo da cabeça arrancados pelas índias mais velhas da tribo, num ritual chamado de pelação. Süpeatücu conta também que,

na festa, os homens da aldeia produzem esculturas semelhantes à figura mitológica e as dão de presente aos convidados. Esculturas como essas teriam sido os primeiros brinquedos das crianças ticunas.

No Museu Magüta, visitado por vários turistas estrangeiros, há uma escultura do deus Io'i de 1,5 metro de altura e com órgão genital de 63 centímetros.

Sobre a polêmica no Museu Amazônico, Constantino Süpeatücu reage: "Nós não temos o preconceito dos brancos, porque essas esculturas são coisas simples e naturais para nós." E completa: "Quando alguém se assusta com nossas esculturas, explicamos nossa história, porque sexo para a gente é produção, é fertilidade." (K.B.)

FESTA COM MENINAS, NA QUAL A FIGURA É LEMBRADA, DURA TRÊS DIAS

Povo preserva suas tradições

Clãs espalham-se pelo Amazonas e também vivem no Peru e na Colômbia

MANAU — Os primeiros contatos entre brancos e ticunas ocorreu no século 17. "Durante a disputa territorial na fronteira do Brasil com a Colômbia e o Peru, os ticunas fugiram para o Alto Rio Negro; os omaguas, índios de língua tupi, ficaram e foram extintos durante a guerra dos brancos", conta o antropólogo Fábio Vaz Ribeiro de Almeida. O contato definitivo deu-se a partir do século 19, pela exploração da borracha e pelos missionários. "Os ticunas foram obrigados a trabalhar como seringueiros", diz Jussara Gruber, assessora da Organização Geral dos Professores Ticunas.

Apesar da influência religiosa, os índios não perderam a identidade cultural. Hoje, segundo Almeida, na maior parte das aldeias há várias

igrejas e seitas. Por causa desse contato, os índios vestem-se como brancos. Trinta por cento falam só a língua nativa; o restante fala português e ticuna.

A aldeia de Belém do Solimões, em Tabatinga, concentra a maior população, com 4 mil habitantes. "É um aglomerado de pessoas vivendo sem saneamento básico e água potável", descreve o antropólogo. Os índios produzem farinha de mandioca, caçam e pescam para sobreviver. Os homens fazem esculturas e as mulheres, a cestaria.

Eles preservam suas tradições e, segundo Almeida, a persistência em mantê-las está explicada na mitologia: eles acreditam ter sido criados pelo deus Io'i. Um dia esse deus foi pescar com isca de tucumã e os peixes transformaram-se em outros animais. Depois, ele foi pescar com isca de macaxeira e os peixes viraram gente. Io'i dividiu a gente pescada em clãs, com nomes de animais e plantas. "Esse é o traço principal da orga-

nização social dos ticunas", explica Almeida. Os filhos herdaram o clã dos pais e cada membro só pode casar com alguém do clã oposto, para evitar casamento entre irmãos.

Os clãs dos ticunas foram fundamentais para sua organização social. São cerca de 25 mil habitantes de aldeias também localizadas nos municípios de Tocantins Jutai, Fonte Boa, Tefe e Beruri, no Amazonas. Vivem também no interior do Peru e da Colômbia.

Segundo o indigenista Walmir Torres, no Brasil são 22 áreas indígenas com mais de 1,5 milhão de hectares, mas só 12 estão demarcadas. Desde 1980, os ticunas lutam pelo reconhecimento de suas terras e mantêm associações de professores, de saúde e o Museu Magüta, em Benjamin Constant. Para resistir, muitos já viraram políticos, como o índio Adir Bastos, que foi vice-prefeito de Benjamin Constant. Atualmente, há oito vereadores ticunas legislando em municípios do Alto Solimões. (K.B.)